

Dr. Dr. João Medeiros
Florianópolis

ARTE

LITERATURA

ESSO
PROGR

A Lyra

Orgão da Mocidade Lagunense

DIRECTOR — Heitor Ulysséa

Anno I | Laguna, 1 de Março de 1908 | Num. 5

NOTA

— «A Lyra» publica-se aos domin-
gos e sua assignatura custará, por
trez meses, 1\$000.

— Previne-se aos leitores que al-
guns artigos serão escriptos pelo
sistema fonético.

CARNAVAL

Primeiro dia.

Anual reprodução do festejo
marca em toda revolução ter-
restre um ciclo de gozo.

E' uma expansão de forças
adormidas onde prepondera a
emoção desordenada, o instin-
tivo impulso da alma, despeada
de convenções, desfriada da e-
tiqueta em trez dias de folga.

A ancia reprezada nos mezes
laboriosos rompe as barreiras
para inundar da alegria incon-
tida esse areial da vida onde
bate um sol quente a causticar
os brotos da paz e do socego.

Bebendo então na enchente
o viço e a verdura eles repon-
tam á luz meridiana com essa
afoiteza que nós todos vemos
nas festas de agora.

Assim o Carnaval não pode
ser considerado uma instituição
da doidice humana. E' o natu-
ral despejo de angustias, o trans-

ma-
bordamento inevitável de
de-
guas e tristezas, que sem o
piri-
zafogo arrebentariam no es-
to, aniquilando-o.

Essa vazante salva-o. O pô a
trudo e a mascarada, com o
valvula do enxuro, mantem
exato nível e na pressão razoá-
vel a massa ondeante das pa-
xões e das torturas.

Tel-o como a explosão da lia,
um fluxo da escoria sentimen-
tal, entulhada no sangue, é des-
conhecer a psicolojia onde a lei
das compensações co-
universal principio do
da enerjia.

Entrámos pois n^o
do prazer.

Tenhamos con-
ção social desse
medicina melh

Quando se c-
afrouxando da
xaltaçao feb-
la intensid
um fluido
transfunc
imponde

A Lyra
meizinh

Quer
distinc
ness

gastas
mêns e o contínuo atrito dos ho-
mens das coizas.

A / fo / se / nhe / formula da receita é co-
zajem / a mas não abuzem na do-
arrisc / dos ingredientes que se
gas, am a envenenar as dro-
cias. sofrendo as consequen-
cias.

A sem Lyra ensina o curamento
sem / se / se responsabilizar pelo sui-
cidio de ninguém.



Divagando...

Ainda me parece ouvir o e-
cho das gargalhadas ironicas
do leitor.

Ou é a minha excentrica mo-
destia servindo de acustica, ou
ente os effeitos hila-
minha apresentação.
tima concepção me
is verdadeira.
se preocuparia, si
os no Carnaval,
dar que o leitor
fantaziado, se
as ideias para
alão!...
os achariam
i, quando
or!...
deixaria
nha!...
e certa
lle...
no!...
novo

No entanto, não és bom.

Seméas alegrias, para eo-
lhermos tristezas ! Trazes sem-
pre essa vassourinha que nos
varre os bolsos e... parte da
nossa alegria...

A tua bondade consiste no-
gasto do orçamento em tres-
dias, e na choradeira de muitos
mezes !...

Mas vinde ! vinde espalhar a
tu alegria na cidade, que bem
precisa della, mas (cuidado !)
não vás passar a tua celebre
vassourinha nos meus ledo-
res !

PAULO REIS.

CIRIOS

V

UM DISCURSO (CONTRADITORIO)

Ao Chico Costa.

Numa manifestação popular
pedem a um cidadão que se jul-
gava sabio, para discursar.
Prontamente subiu á tribuna e
começou com voz entusiasta:

« Senhores !

Este ambiente que se apinha-
ante á pessoa obscura do mais
fraco dos potentados intelectua-
is, vexa-o de maneira nervo-
za, obrigando a traduzir tantos
pensamentos banaes em pou-
cas palavras sem senso !

Estou, estou mesmo nervo-
zo !

A luz flamejante do olhar pú-
blico, que ora me cerca, con-
pondo-a com alfinetes estre-
tos !

dos. O meu ser neste momento é todo de anfíbio.

Chamado para falar por vós, eu me confesso grato pela atenção que me dispensastes.

Nas curvas cínuozas do *Mare-Dulce*, — onde a paixão vagueia, a minha intelijencia propala-se como pó das bancadas do Vaticano!

Nas ruínas de Cartago, onde um jeneral romano poz fim ás suas derrotas, dizendo: — Ide! dize a teu senhor, que encontraste o jeneral Mario chorando sobre as ruínas de Cartago!.. Lá mesmo, e em todo o orbe lunar, as minhas idéias fiam sufocadas de prazer! (aplausos).

Obrigado meu povo!

Na Grecia, onde naceram as amazonas, e donde nos veio a luz intelectual, verifica-se neste momento uma grande decadência filozofica!

Em todos os pontos finaes do mundo habitado, eu revelo essa integridade mácula, que se chama sabeloria dos povos! Essa fiamula vulcanica de inexplicaveis contingencias, que aeanha a atmosfera em todos os seus ramos vizuáes!

(Pausa) — Esteu muito nervoso.

Povo! Eu não posso aceitar o vosso encargo. Nervosidades me atacam todo o instante; é impossivel falar, a começo em barga-me a voz.

Deceu da tribuna, e foi aper- tando a mão de todos que en- contrava.

AGENOR PAGANI

Extazi

Domingo de Carnaval.

O crepusculo nos aprazia.

A alegria espalhada pela multidão, agrupada á rua Raulino Horn, predizia-nos uma noite divertida.

Zélia gozando o entrudo, não me distinguiu entre a massa popular.

Fatigada pelas muitas corridas, entrou em caza e debruçou-se á janela. Junto á caza d'ela ha um recanto escuro aonde me recolai.

A principio observei o movimento do povo e com o decorrer do tempo, atraido por uma força irrezistivel, fitei Zélia, não sendo por ela percebido.

Extaziado eu olhava a sua fizionomia ridente.

O reflexo de seu olhar bri- lhante iluminava-me. Embora longe d'ela, me senti a em ardências inde-

Continuava tarjico, exar- encantos, por um lir abandona gremen-

S.
Jos.
ex-

COLABORAÇÃO

Recordações

Triste como sempre, andava
a pobre Zilda.

Seu olhar era de uma consternação admirável, sua face descarnada, seus cabellos caíam em grossos novelos pela esfarrapada blusa cor de rubi, sobre a qual prendia o remendado vestido, deixando cair de seu colo um pequenino aventurel.

Porque Zilda, filha unica de um camponês, andava tão triste e pensativa, si out'ora não era assim?

Porque o adorado a quem ella idolatrava o seu mais puro amor, morreu...

Morreu Jorge, o moço que lhe dedicou toda a afseição.

Uma noite ao deitar-se beijou o retrato de seu ídolo; orou, benz... deitou-se.

...er do dia seguinte

o nuvem macha-
lida flajelada pe-
sos estorços pa-
ra foi em vão.
linda tortu-
ava, sen-
ra chama-

cobrou
dis-
mir-
re-
me
or-
lle
u

E a virgem, filha do campino, expirou nos braços do confessor.

Laguna, 25—2—08.

BOCAGE.

NOTICIARIO

Ha dias aportou ao Rio de Janeiro o eminente estadista catarinense Dr. Lauro Müller.

A 4 abrir-se-á um curso noturno dirigido pelo Dr. José R. L. e Oiticica.

Realisou-se nos salões do club Blondin um sarau dançante carnavalesco.

Gratos pelo convite.

O Congresso Lagunense abrirá hoje os seus salões para dar lugar a um baile.

Distinguiram-nos com amáveis cartões: a senhorita Clara de Souza, agradecendo as justas referencias que lhe fizemos, e o sr. Herminio Menezes, reporter da *Gazeta Catharinense*, agradecendo a remessa do nosso periodico.

Temos sobre a meza:

O *Escudo*, desta cidade; o *Scolar*, de Joinville; e o *Ma-rujo* de Florianópolis.

IMPRESSO NA
TYP. DE JOSÉ MATTOS